

Repensando o ensino de inglês: uma perspectiva decolonial e intercultural crítica

Beatriz Guerra

RESUMO: Este estudo explora o potencial das perspectivas decoloniais e interculturais críticas no ensino de Inglês, enfatizando a urgência de desafiar as lógicas coloniais enraizadas em práticas pedagógicas, materiais didáticos e processos avaliativos. Apoiando-me em autores como Kumaravadivelu (2016), Walsh (2009) e Ishii (2017), o presente trabalho destaca como essas abordagens promovem o pensamento crítico, a inclusão e a ação transformadora em sala de aula. Para ilustrar essas discussões, apresenta-se o projeto *Her Music Matters*, desenvolvido no curso de Inglês do CLAC-UFRJ, como exemplo de uma proposta pedagógica decolonial e intercultural crítica. Como recurso qualitativo-metodológico, foi utilizado um questionário que teve como objetivo a geração de dados para refletir sobre as contribuições do projeto na promoção de reflexões críticas no ensino da língua inglesa. A partir da temática “mulher no mundo da música”, os dados gerados indicam que os cursistas desestabilizaram a noção de igualdade de ascensão feminina na indústria fonográfica contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino decolonial. Interculturalidade crítica. Ação.

ABSTRACT: This study explores the potential of decolonial and critical intercultural perspectives in English language teaching, emphasizing the urgency of challenging the colonial agenda embedded in pedagogical practices, teaching materials, and evaluation processes. To support the discussion, I rely on authors such as Kumaravadivelu (2016), Walsh (2009), and Ishii (2017). The paper highlights how these theoretical approaches promote critical thinking, inclusion, and transformative action in the classroom. To illustrate these discussions, the *Her Music Matters* project, developed within the English course at CLAC-UFRJ, is an example of a decolonial and critical intercultural pedagogical proposal. A qualitative-methodological questionnaire was employed to generate data and reflect on the project's contributions to fostering meaningful and essential reflections within English language teaching practices and centered on the theme of “women in the music industry”. The results indicate that the students critically questioned and disrupted the notion of equality in female advancement within the global music industry.

KEYWORDS: Decolonial teaching. Critical interculturality. Action.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, percebe-se um aumento significativo no número de estudos preocupados com questões relacionadas às abordagens para o ensino de inglês como língua adicional¹. Principalmente a partir da década de 1990, pesquisadores como Pennycook (1998)

¹ O uso do termo “língua adicional” busca evitar a ideia da língua como estrangeira ou estranha ao falante, enfatizando, em vez disso, seu status de língua incorporada ao repertório linguístico do sujeito (Tilio, 2019).

e Canagarajah (1999) têm destacado a presença de uma ideologia colonial que permeia as salas de aula de língua inglesa. Desde então, um volume crescente de pesquisas vem chamando a atenção para as condições de subalternidade enfrentadas por professores e estudantes não nativos de inglês. No entanto, apesar das inúmeras publicações que reconhecem que o ensino de língua inglesa está intrinsecamente ligado à matriz colonial de poder, as forças de dominação continuam profundamente enraizadas nas salas de aula. Diante da persistência e do fortalecimento dessa lógica colonial-imperialista no ensino de línguas, este trabalho busca trazer à tona a urgência de uma leitura crítica do mundo, apresentando a decolonialidade como uma postura que desafia as estruturas de poder hegemônicas. O objetivo deste estudo é, portanto, refletir sobre a possibilidade de uma práxis decolonial e intercultural crítica, compreendendo o ensino de inglês como um espaço para práticas pedagógicas voltadas para a ação, a transformação e o questionamento das relações de poder.

Vivemos em uma era de intensa globalização, marcada pela ampla circulação de discursos que constantemente valorizam práticas culturais hegemônicas, enquanto marginalizam os conhecimentos do Sul Global. Inserida em um sistema que opera sob uma lógica ocidental e colonial, a língua inglesa, comumente reconhecida como a língua franca do mundo moderno, transforma-se em uma commodity (Rajagopalan, 2005), ou seja, um bem simbólico de alto valor. Em outras palavras, em um mundo cada vez mais interconectado, o domínio da língua inglesa mostra-se cada vez mais relevante, pois oferece a seus falantes maiores possibilidades de ascensão dentro do modelo econômico neoliberal. Nesse sentido, considerando o capital simbólico atribuído à língua inglesa, destaca-se seu potencial como uma ferramenta de transformação social. Por isso, é essencial que seu ensino seja orientado por uma perspectiva decolonial e intercultural crítica, visando à formação de cidadãos críticos, éticos e protagonistas (Rojo; Moita Lopes, 2004).

O ensino de línguas, quando se distancia de uma mera instrumentalização linguística, trilha por práticas docentes que buscam desafiar o pensamento hegemônico e valorizar as múltiplas sensibilidades e epistemologias do mundo (Mignolo, 2011). Dessa

forma, possibilita a formação de indivíduos críticos e capazes de atuar de forma reflexiva e transformadora na sociedade. Nessa abordagem problematizadora, os estudantes são incentivados a se engajar com as diferenças, questionar naturalizações e desconstruir aquilo que é tomado como senso comum. Ao oferecer aos estudantes a oportunidade de construir significados de forma ativa e situados sócio historicamente, é essencial reconhecer que, assim como o contexto social molda quem somos, nós também moldamos o social (Janks, 2010). Essa relação, fluida e dinâmica, abre espaço para que nossas ações tenham impacto e contribuam para mudanças sociais significativas. Nesse sentido, trabalhar com questões locais nos permite promover pequenas mudanças que, ainda que sutis, podem transformar nossas vidas cotidianas e as daqueles que nos cercam. Assim, o ensino de línguas pode assumir um papel ativo na construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

Hoje, diante das ameaças que pairam sobre a educação brasileira, constantemente submetida a agendas ultraliberais, ultraconservadoras e reacionárias (Cássio, 2019), torna-se especialmente necessário elaborar projetos que enfrentem as consequências de uma sociedade profundamente discriminatória. Mais do que simplesmente reconhecer as desigualdades e a diversidade cultural, é urgente que o ensino de línguas se configure como um espaço de diálogo, resistência e valorização de outras perspectivas e compreensões de mundo.

Portanto, inicialmente problematizo a noção de colonialidade, situando-a no contexto do ensino de inglês. A discussão se aprofunda ao entender como a lógica colonial se manifesta no ensino da língua inglesa, especialmente por meio de materiais didáticos, avaliações e noções de fluência, que frequentemente reproduzem valores eurocêntricos. Na sequência, partindo das contribuições de Walsh (2009), Ishii (2017) e Kumaravadivelu (2016), a presente reflexão explora alternativas para enfrentar essa lógica colonial, destacando a opção decolonial e o ensino intercultural crítico como caminhos para promover práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras.

A presente reflexão também busca apresentar, como exemplo de uma proposta pedagógica que desafia as tradições eurocêntricas no ensino de língua inglesa, o projeto *Her Music Matters*, desenvolvido para turmas do segundo nível do curso de inglês do CLAC-UFRJ.

Para avaliar as contribuições do projeto, foi utilizado um questionário como instrumento qualitativo-metodológico, permitindo gerar dados a partir das reflexões e experiências vivenciadas pelos cursistas. O questionário foi escolhido como recurso metodológico porque possibilitou entender as contribuições do projeto nas jornadas dos alunos enquanto usuários críticos da língua inglesa. Por fim, o trabalho traz considerações que destacam a relevância de práticas pedagógicas críticas e decoloniais no ensino de inglês. A breve análise destaca como é possível propor um ensino decolonial que considere os contextos locais, rompendo com a simples reprodução de lógicas, materiais e epistemologias coloniais. Ao partir para a ação, o ensino de línguas pode se tornar um espaço de aprendizado que transcenda a aquisição de competências linguísticas, promovendo reflexões sobre questões sociais, culturais e políticas. Dessa maneira, a língua inglesa é ressignificada como um instrumento de empoderamento e transformação social, capacitando os alunos a se tornarem agentes críticos em suas comunidades e no mundo.

AS RAÍZES COLONIAIS NO ENSINO DE INGLÊS

A colonialidade, conceito originalmente formulado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano no final dos anos 1980, descreve o modo de funcionamento que sustenta a civilização ocidental desde o Renascimento até os dias atuais (Mignolo, 2011). Embora o colonialismo seja frequentemente minimizado ou relegado ao passado, a colonialidade permanece viva, sustentando práticas e discursos que justificam desigualdades globais. Por trás da retórica progressista da modernidade, marcada por ideias de salvação, progresso e desenvolvimento, ocultam-se práticas que justificam o racismo e a inferiorização de outras vidas e cosmovisões. Tendo o controle de quatro domínios inter-relacionados — economia, autoridade, gênero e sexualidade, conhecimento e subjetividade —, a matriz colonial de poder perpetua e impõe ao restante do mundo a lógica eurocêntrica e ocidentalizada que fundamenta o sistema moderno/colonial. Nesse contexto, Mignolo (2011) destaca que o conhecimento ocidental se consolidou como uma mercadoria de exportação, promovendo a

modernização do mundo não ocidental enquanto subordina outras civilizações ao passado, na perspectiva eurocêntrica do homem ocidental.

Nas palavras de Quijano (2000), o eurocentrismo não é uma questão de localização geográfica, mas de epistemologia, apontando para a centralidade do pensamento ocidental na estrutura do mundo moderno/colonial. Essa centralidade de poder opera por meio de “nós” que, segundo Mignolo (2011), estabelece a epistemologia ocidental como norma hegemônica, administrando e projetando globalmente configurações de gênero, religião, classe, etnia e língua. Diante disso, observa-se que a existência humana é amplamente regulada pelos princípios da colonialidade, que orientam tanto o conhecimento quanto os desejos epistêmicos. Para Gramsci (1971), a relação de dominação é marcada pela subalternidade, em que os grupos sociais excluídos têm sua capacidade de agência limitada por um conjunto de imposições políticas, culturais e econômicas. Mantida tanto pela coerção das forças dominantes quanto pela cooptação, a subordinação é internalizada pelos próprios grupos subalternos, que se automarginalizam.

Nessa problematização, cumpre destacar que entendo que a linguagem não opera em um vácuo social, portanto está intrinsecamente ligada à sócio-história. Sob uma perspectiva sociolinguística, considero o uso da língua como discurso associado aos contextos de produção, circulação e interpretação. Imbuídos de significados, as práticas e os contextos discursivos estão longe de serem neutros, pois são influenciados por ideologias em circulação. Frente a tal compreensão, a esfera linguística configura-se como mais um espaço de atuação do poder colonial.

Embora muitas vezes passe despercebido por aqueles que não estão atentos às dinâmicas de poder que o sustentam, o imperialismo linguístico permanece “vivo e atuante” (Kumaravadivelu, 2016). Quando utilizamos a língua inglesa, por exemplo, observamos um sistema de valoração cultural e social que constantemente aponta para o modelo eurocentrado; desde a tentativa de emular sotaques para se aproximar do que é considerado como o “falante nativo” de língua inglesa até a exaltação de feriados e tradições típicas das culturas norte-americana e europeia. Como indica Gramsci (1971), o imperialismo linguístico é uma manifestação da hegemonia cultural, exercida de forma invisível, mas altamente

eficaz, capaz de moldar valores, práticas e identidades culturais. Nesse contexto, a hegemonia linguística perpetua desigualdades ao estabelecer uma língua como símbolo de progresso e poder, enquanto subordina e desvaloriza outras formas de expressão linguística e cultural.

Segundo Kumaravadivelu (2016), o ensino de inglês historicamente reflete e perpetua a lógica colonial, posicionando o “falante nativo” como o padrão de excelência e marginalizando as vozes periféricas. No contexto de sala de aula brasileiro, é comum que professores de inglês sejam questionados por alunos sobre qual variante irão aprender — a britânica ou a americana —, ou sobre quando acontecerá a celebração de datas como o *Halloween* e o *Thanksgiving*. Essas situações, vivenciadas por muitos professores, geralmente decorrem de métodos de ensino padronizados ou de atividades já previstas nos livros didáticos, que, em sua maioria, são importados de países dos centros hegemônicos. Com um olhar crítico para essas práticas pedagógicas, torna-se evidente a imposição cultural e linguística de países como Estados Unidos e Inglaterra, que privilegiam variações linguísticas e narrativas culturais dominantes. Esse modelo, ao ignorar os contextos multiculturais e multilíngues nos quais o inglês é ensinado e utilizado, reafirma a hegemonia cultural e desvaloriza as realidades locais dos aprendizes.

Exportados para o mundo e apresentados como universais, métodos, avaliações, materiais e livros didáticos desenvolvidos nos centros hegemônicos são os principais mecanismos que sustentam a estrutura de poder colonial nas salas de aula de língua inglesa. Ao observar o cenário atual das salas de aula de língua inglesa, raramente encontramos livros didáticos elaborados especificamente para aquele contexto; a maioria é importada de editoras estrangeiras. O mesmo ocorre com os materiais destinados à formação de professores, quase sempre produzidos por profissionais oriundos dos centros hegemônicos. Como esperar que a sala de aula não esteja impregnada por discursos coloniais diante desse cenário? Esses elementos são pautados em perspectivas do Norte Global porque é por meio deles que se determinam, moldam e operacionalizam os principais aspectos da educação em língua estrangeira. É nesse contexto que “assegura-se aos professores de outros países e

culturas que este método é o correto e que seu papel é adaptá-lo a seus alunos, ou adaptar os alunos ao método" (Kumaravadivelu, 2006, p. 20).

Diante desse panorama imperialista no ensino de inglês, Ishii (2017) ressalta que centrar-se na língua e na literatura associadas à identidade nacional de países como Inglaterra e Estados Unidos é, no mínimo, anacrônico. Para a autora, essa abordagem reforça um imaginário colonial que centraliza o inglês e projeta ideais vinculados ao "sonho americano". Nesse sentido, o ensino da língua inglesa contribui para a construção de estereótipos amplamente difundidos pelo cinema, que retrata os americanos como heróis globais — protagonistas em narrativas que combatem alienígenas, zumbis, traficantes e terroristas. Como resultado, "a reprodução desse estereótipo fetichizado em torno do americano é a expressão da relação colonial que estabelecemos na alteridade que marca as nossas salas de aula" (Ishii, 2017, p. 121).

Trazer o olhar para o ensino tradicional de inglês é essencial para entender como a colonialidade se manifesta nas salas de aula, perpetuando desigualdades históricas e epistemológicas. Devemos questionar as práticas pedagógicas que continuam a priorizar epistemologias eurocêntricas e reforçam a ideia de que o ensino de inglês deve estar intrinsecamente associado à identidade nacional de seus centros originários (Ishii, 2017). Nessa perspectiva, o pensamento decolonial surge como uma alternativa que busca romper com a matriz colonial, promovendo a desobediência epistêmica e desafiando os fundamentos eurocentrados do ensino de línguas. Esse movimento abre espaço para a construção de alternativas decoloniais, que incluem uma nova visão de vida e sociedade pautada em outros sujeitos, conhecimentos e instituições. Como destaca Mignolo (2011), o pensamento decolonial representa um esforço analítico contínuo para compreender e superar a lógica da colonialidade que sustenta a retórica da modernidade.

A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA COMO OPÇÃO

Entretanto, observa-se uma tendência de reconhecimento e incorporação das diferenças em espaços anteriormente dominados pela lógica colonial, o que, na realidade,

representa apenas uma nova roupagem para estratégias de dominação. Segundo Walsh (2009), essa prática é parte do que ela chama de neoliberalismo étnico ou multicultural, uma estratégia que visa incluir grupos historicamente excluídos não com o propósito de desafiar as assimetrias de poder presentes no sistema capitalista moderno, mas para reduzir conflitos étnicos de forma funcional aos interesses do mercado. Trata-se, portanto, de uma “inclusão” regida pelas demandas econômicas, e não pelas necessidades e direitos das pessoas. Em resposta ao neoliberalismo étnico/multicultural, Walsh (2009) apresenta a interculturalidade crítica como um projeto que surge da resistência e da luta de sujeitos historicamente subalternizados. Esse movimento busca não apenas a transformação social, mas também a criação de novas condições de poder, saber e ser. Além disso, constitui uma proposta contra-hegemônica que visa superar as estruturas coloniais e capitalistas, promovendo uma “reexistência” fundamentada em um imaginário alternativo e em formas de convivência que rompam com práticas desumanizadoras e subordinadoras.

A interculturalidade crítica se preocupa com a exclusão, a subalternização ontológica e epistêmica, sendo, para Walsh (2009) e Ishii (2017), um projeto político, ético e epistêmico, voltado para o enfrentamento das estruturas coloniais de poder e das dinâmicas de desumanização. No campo educacional, essa perspectiva adota uma abordagem problematizadora, que parte da diferença como ponto de encontro para criar novas possibilidades de existência e convivência, visando a construção de contextos mais justos e inclusivos.

Em uma linha de pensamento semelhante, Kumaravadivelu (2016) apresenta a opção decolonial como um projeto ativo que exige repensar as estruturas de ensino, rejeitar práticas coloniais e dar poder às comunidades locais para construir conhecimento e práticas pedagógicas que refletem suas realidades e culturas. Para o autor, o ensino de línguas pode se tornar *locus* de resistência e agência crítica, capacitando professores e alunos a questionarem o *status quo* e criar alternativas ao modelo dominante. A pedagogia decolonial, portanto, exige transformações em todos os níveis educacionais, sendo essencial, nesse processo, a elaboração de materiais didáticos que contemplem temas socialmente relevantes e integrem

diversas perspectivas culturais. No entanto, construir e concretizar a gramática da decolonialidade não é tarefa simples, tampouco de responsabilidade de um único indivíduo; trata-se de um esforço coletivo para romper com as amarras coloniais. Assim, o ensino de língua inglesa, pautado em um viés decolonial e intercultural crítico, visa fomentar a ação tanto de professores quanto de alunos, permitindo-lhes desenvolver uma agência crítica e, assim, contribuir para uma educação transformadora.

O PROJETO *HER MUSIC MATTERS*

O CLAC, projeto de extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), oferece ensino de línguas a baixo custo para a comunidade e atua como espaço de formação inicial para graduandos de Letras que atuam como professores. Estruturado em oito níveis semestrais, o curso de inglês conduz os alunos do básico ao intermediário, adotando uma abordagem reflexiva, dialógica e crítica sobre os usos da língua inglesa na contemporaneidade (Tilio, 2018). Fui monitora do curso de Inglês do CLAC-UFRJ por três anos, atuando nos dois últimos como monitora-chefe. Nesta função, fui responsável por desenhar os projetos de avaliação dos níveis pelos quais era responsável. O projeto *Her Music Matters* foi idealizado por mim para as turmas do segundo nível do curso de Inglês no semestre de 2022.1, e suas atividades avaliativas foram elaboradas em conjunto com os oito monitores responsáveis pelas turmas desse nível.

No CLAC-Inglês, são elaborados projetos de caráter processual e colaborativo com o objetivo de promover a construção contínua de saberes da língua inglesa, conectados por um tema central que orienta todo o processo pedagógico. Normalmente, os projetos têm como premissa o estímulo à conscientização sobre alguma questão social. Espera-se, assim, que o aprofundamento das discussões relacionadas ao tema escolhido culmine em práticas pedagógicas que incentivem o uso da língua inglesa de forma transformadora, consciente e reflexiva. Nessa empreitada, o projeto em tela teve o objetivo de chamar a atenção dos estudantes para a misoginia presente no mundo da música e mostrar como algumas artistas enfrentam o preconceito e a desigualdade de gênero em suas narrativas.

Ao longo do semestre de 2022.1, foram realizadas quatro atividades (*tasks*) com o propósito de ouvir a voz de mulheres na indústria da música. A iniciativa destacou o trabalho de artistas femininas com pouca visibilidade no cenário musical, mas que, por meio de suas produções, desafiam de alguma forma a hegemonia colonial. As *tasks* também abordaram temas transversais, como multiculturalismo, globalização e cultura *mainstream*, complementando a discussão principal. Como parte das atividades, os alunos foram incentivados a criar pôsteres e resenhas de álbuns, que foram publicados no perfil @HerMusicMatters no Instagram. Essas produções buscavam iluminar o trabalho de artistas mulheres que, em um mercado majoritariamente dominado por homens, ainda não alcançaram o reconhecimento do grande público, promovendo reflexões críticas e maior engajamento com o tema.

O projeto promoveu discussões que ampliaram o olhar para culturas fora do Norte Global, valorizando mulheres na indústria musical que não pertencem a centros hegemônicos e destacando artistas que cantam em outras línguas ou representam culturas subalternizadas. O material incentivou um diálogo crítico sobre a desigualdade de gênero no cenário musical, problematizando as relações coloniais de poder presentes nesse contexto, que perpetuam estereótipos de submissão feminina. Em alinhamento com a proposta de ensino decolonial de Kumaravadivelu (2016), o projeto deixou de lado o paradigma europeu, dando visibilidade a vozes marginalizadas e oferecendo aos estudantes um espaço de reflexão crítica sobre artistas tradicionalmente excluídos da grande mídia. Sob a perspectiva da interculturalidade crítica de Walsh (2009) e da valorização das alteridades de Ishii (2017), o projeto tomou as diferenças como ponto de partida, estimulando os estudantes a refletirem sobre seus hábitos de consumo cultural e a reconhecerem como esses são frequentemente moldados pela cultura hegemônica, que marginaliza outras identidades e expressões culturais. No desenvolvimento das atividades, os estudantes foram incentivados a pesquisar a produção artística de artistas mulheres fora do universo *mainstream*, promovendo uma abordagem crítica e transformadora no ensino de inglês.

AS ATIVIDADES DO PROJETO

A primeira atividade do projeto buscou introduzir o conceito de misoginia e suas implicações para as mulheres na música, utilizando gráficos do estudo *USC Annenberg 2021* para evidenciar a falta de representatividade feminina em diferentes áreas da indústria fonográfica. Com base nesses dados, os estudantes de cada turma do nível foram estimulados a discutir as informações apresentadas e a levantar hipóteses sobre as causas que perpetuam essas desigualdades. Além disso, foram convidados a refletir sobre como os artistas que consomem, bem como suas preferências culturais e de gênero, podem estar conectados a uma lógica colonial.

- How are the data presented in the textual excerpts above related? What are they about?
- Why do you think those issues are still present nowadays?
- Can you think of examples of situations in which those issues were present?
- Now, think about the music artists that you listen to the most. Does your music taste reflect what was presented in the data above?

REFLECT

In your opinion, what is the impact of social media on discussions about how women's work is seen by the music industry?

Figura 1: Atividade 1 da Task 1

- 💡 How often do you listen to music?
- 💡 What are your favorite artists in the music industry?
- 💡 Do you think today's music industry gives the same opportunities to every artist?

- Look at the data reported in the following textual excerpts below and discuss.

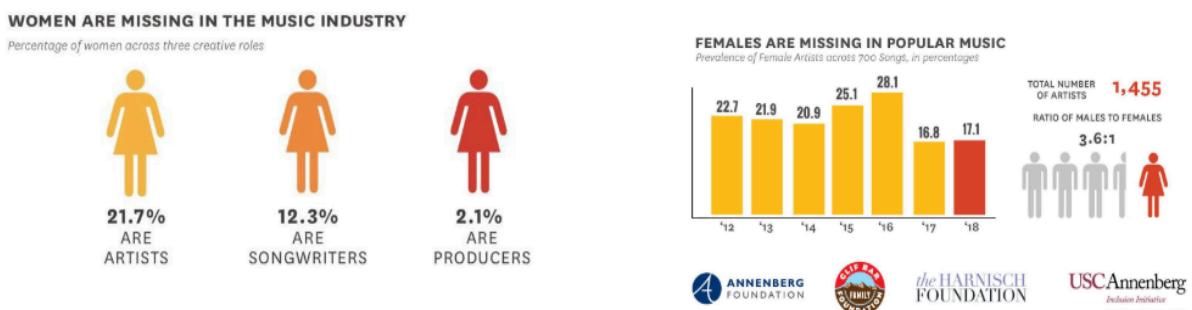


Figura 2: Atividade 1 da Task 1(continuação)

Como atividade principal, foi proposta a leitura de um artigo publicado pela *Phys.org* em 2019, intitulado *Study sheds light on continued challenges facing women in the music industry*, que apresenta dados de uma pesquisa da University of Southern California. Esta seção da tarefa orientou discussões sobre as situações misóginas às quais as mulheres são submetidas, a objetificação, os impactos de discutir esses desafios em plataformas científicas como a *Phys.org* e as principais barreiras enfrentadas por artistas femininas. As questões formuladas incentivaram a articulação entre compreensão textual e análise crítica, convidando os alunos a refletir sobre relações de poder, desigualdade de gênero e as consequências dessa marginalização no mundo da música.

1. Based on the article, **why** has just a little changed for women in the music industry? (____/0,7)
2. **Think** about your answers to questions 3 and 4 from the *Before Reading* section, and consider the type of website *Phys.org* is. **What** do you think are the implications of discussing women's challenges in the music industry on this type of platform? (____/0,7)
3. According to the text, what is the main barrier faced by women in the music industry? **Explain** it in your own words. (____/0,7)

-
4. In the text, the author highlights that women face challenges that men don't go through in the music industry. With that in mind, **read** the fragment below and then answer the question. (____/0,7)

 “[...] Women also cited instances in which they had been doubted or questioned and illuminated how the recording studio is a site for objectification and a place where personal safety is a concern.” 

For you, **why** is it important to share what happens to women in the recording studio? Do you think that if there were more space for women in the music industry, they would face fewer misogynistic episodes? Explain it.

Figura 3: Atividade principal da Task 1

O pós-leitura ampliou essa discussão, apresentando o site *WomeninMusic.org*, uma organização dedicada a promover igualdade e visibilidade para as mulheres no setor musical. Os alunos foram incentivados a explorar o conteúdo disponibilizado pelo site e a refletir sobre como transformar a indústria em um ambiente mais inclusivo.

Tendo em vista o material apresentado, é possível observar que ele busca romper com práticas pedagógicas tradicionais ao abordar o tema macro “música” sob uma perspectiva decolonial, convidando os alunos a adotarem uma postura crítica e reflexiva sobre a exclusão

e a marginalização sistemática de vozes femininas no cenário internacional da música. Como a *task 1* tinha o objetivo de contextualizar o projeto, as discussões foram direcionadas à questão da misoginia por meio de gráficos, perguntas, interações com textos e sites *on-line*. Alinhado à proposta de que o ensino decolonial está intrinsecamente ligado à ação, o pós-leitura proporcionou um momento de agência aos estudantes, incentivando-os a se engajarem ativamente na pesquisa e exploração de um site que apresenta diversas iniciativas voltadas ao apoio de artistas mulheres ao redor do mundo.

A segunda tarefa do projeto abordou a questão da misoginia no mundo da música e promoveu discussões sobre como, na indústria fonográfica, a maioria das mulheres que recebem destaque internacional são oriundas de países do Norte Global e cantam em inglês. As *playlists EQUAL Global* e *Top 50 Global* da plataforma de música Spotify foram selecionadas para análise e discussão em um momento de pré-atividade. Enquanto a *Top 50 Global* reflete a cultura hegemônica, com predomínio de artistas do Norte Global e canções em inglês, a *EQUAL Global* destaca artistas mulheres de diferentes partes do mundo e dá visibilidade para vozes de mulheres com menor popularidade. Os estudantes analisaram os primeiros cinco artistas no topo de cada playlist na época, comparando popularidade, gênero e diversidade cultural, além de refletirem sobre o propósito e a relevância da *EQUAL Global*. A atividade também explorou os conceitos de *mainstream* e multiculturalismo, incentivando os alunos a avaliarem como cada playlist reflete esses aspectos, além de discutir a aceitação de artistas que não cantam em inglês no mercado internacional.

Como atividade-alvo da *task 2*, os estudantes foram apresentados à cantora latina Izzy La Reina por meio de um documentário biográfico em língua inglesa. O objetivo central da atividade foi compreender o vídeo e refletir sobre como a artista desafia a dominação masculina na indústria fonográfica. Foram levantadas questões sobre o cerceamento da cultura latina nas músicas de Izzy, a necessidade de misturar o espanhol com o inglês e as pressões exercidas pela indústria musical, por meio de perguntas como: *Do you think that the*

*global music industry currently accepts and values artists from other countries who do not sing in English? e Why do you think that the artist Izzy La Reina speaks Spanglish in her songs?*²

Pensando em uma abordagem intercultural crítica, a atividade promoveu uma postura reflexiva ao apresentar e reconhecer uma artista frequentemente invisibilizada, enquanto questionava o porquê de ela precisar se submeter a uma agenda colonial. Além disso, buscou-se fomentar o diálogo crítico sobre as dinâmicas da indústria cultural, evidenciando como a playlist *EQUAL Global*, embora reconheça diversas artistas mulheres, funciona como um exemplo de interculturalismo funcional (WALSH, 2009), uma estratégia comum ao neoliberalismo que promove visibilidade limitada, enquanto o real destaque permanece reservado às artistas da playlist hegemônica, *Top 50 Global*. Nas discussões foram feitas perguntas como: *Considering the concept of mainstream by Wikipedia as “the prevalent current thought that is widespread [...] by mass media”, what playlist do you think has the most mainstream songs and singers? Why?; Considering one of the definitions of multiculturalism by Wikipedia as a “mixed ethnic community area where multiple cultural traditions exist”, what playlist do you think is more multicultural? Why? e Having in mind these differences, what can we infer about the music industry?*³

A pós-atividade da *task 2* tinha como objetivo preparar os estudantes para a terceira *task*. Os alunos foram incentivados a pesquisar sobre mulheres relevantes no cenário musical contemporâneo, mas com pouca visibilidade na grande mídia, já que a etapa seguinte previa a escrita de um breve texto sobre a artista escolhida. Na tarefa 3, as discussões pré-atividade propuseram a leitura de um texto sobre o impacto das mídias sociais no trabalho de artistas musicais, promovendo uma reflexão crítica sobre como essas plataformas podem empoderar músicos fora do *mainstream*. Para auxiliar os estudantes na produção de seus textos, a pré-atividade também explorou os elementos linguístico-discursivos do gênero pôster -

² Tradução: Você acha que a indústria musical global atualmente aceita e valoriza artistas de outros países que não cantam em inglês?; Por que você acha que a artista Izzy La Reina usa o Spanglish em suas músicas?

³ Tradução: Considerando o conceito de mainstream da Wikipédia como “o pensamento predominante que é amplamente difundido [...] pela mídia de massa”, qual playlist você acha que possui as músicas e os artistas mais mainstream? Por quê?; Considerando uma das definições de multiculturalismo da Wikipédia como uma “área de comunidade étnica mista onde coexistem várias tradições culturais”, qual playlist você acha que é mais multicultural? Por quê?; Tendo em mente essas diferenças, o que podemos inferir sobre a indústria da música?

como o uso de tempos verbais e adjetivos/advérbios - bem como seus aspectos multimodais inerentes (hashtags, emojis, fotos, vídeos etc.). Na atividade-alvo, os alunos criaram pôsteres para apresentar as artistas escolhidas na pós-atividade da *task 2*. Após as produções serem revisadas pelo monitor responsável pela turma, os pôsteres foram publicados no perfil @HerMusicMatters. Nesse perfil, encontram-se postagens que exaltam artistas como Majur, Negra Li, Magda Giannikou, Mayra Andrade, Budah, Rina Sawayama, entre outras. Ao transcender as barreiras da sala de aula, o projeto não apenas ofereceu aos estudantes uma oportunidade para subverter a lógica colonial, mas também buscou divulgar e dar visibilidade às produções dessas mulheres na sociedade.

Na quarta e última *task* do projeto, a proposta da atividade principal focava na produção oral. Nessa atividade, os alunos fizeram uma resenha oral em língua inglesa sobre o álbum de alguma artista apresentada nos pôsteres do perfil de Instagram coletivo. Atrelado a isso, convém apontar que, para a resenha, era esperado que os alunos escolhessem uma artista diferente daquelas que eles haviam selecionado para o pôster na *task 3*, visto que o propósito do projeto era conhecer e divulgar o trabalho de diferentes artistas mulheres nas artes musicais. Por fim, as resenhas foram publicadas em formato de vídeo no @HerMusicMatters, e, para a seção pós-atividade, era esperado que os alunos interagissem com as postagens de seus colegas no Instagram.

O projeto, ao promover discussões sobre desigualdade de gênero e representatividade cultural na música, alinha-se às propostas de ensino decolonial de Kumaravadivelu (2016), à interculturalidade crítica de Walsh (2009) e à valorização das alteridades de Ishii (2017). Ele desafia as estruturas de poder dominantes, valoriza vozes marginalizadas e estimula uma postura crítica por parte dos estudantes, convidando-os a refletirem sobre a exclusão e marginalização sistemática de vozes femininas no cenário musical internacional. Ao longo das atividades propostas, percebe-se que a ação decolonial permeia todas as etapas do processo: desde a concepção e o desenvolvimento dos materiais pelos monitores até sua implementação em sala de aula e a culminação no Instagram compartilhado pelas turmas. Cada etapa do projeto, das discussões em sala às postagens realizadas pelos estudantes, reflete uma inquietação com o estado atual das coisas e uma vontade de promover

mudanças. Ainda que em pequenas proporções, essas ações representam um primeiro passo para desafiar as estruturas hegemônicas e fomentar um aprendizado crítico e transformador.

FEEDBACK DO PROJETO

Nesta seção, discutirei brevemente sobre os ecos gerados pelo projeto *Her Music Matters* nos alunos das turmas de Inglês 2 do CLAC-UFRJ. No final do semestre de 2022, disponibilizei um formulário contendo nove perguntas, com o objetivo de obter *feedback* voluntário e anônimo dos estudantes. A pesquisa foi direcionada às oito turmas do nível, e, por meio do Google Forms, foram coletadas dezenove respostas, que serviram de base para análise e reflexão.

Quando questionados sobre o impacto do projeto em relação aos desafios enfrentados por mulheres no mundo da música, 73,7% dos estudantes afirmaram que o projeto abordou questões até então desconhecidas para eles, enquanto 26,3% indicaram já ter familiaridade com as discussões apresentadas. Esses dados iniciais nos permitem observar que, embora a desigualdade de gênero entre artistas da música seja reconhecida por alguns grupos, o tema ainda carece de discussão e aprofundamento em uma escala mais ampla na sociedade. Podemos inferir que a proposta temática trouxe à tona questões silenciadas para parte dos estudantes, colocando-as em discussão em um novo contexto. Para muitos, foi um tema até então pouco explorado ou mesmo desconhecido. Entende-se, então, que a prática possibilitou momentos de reflexão e postura crítica. Mesmo que de forma pontual, caminhou por uma trilha que tocou a desestabilização de certos valores sociais no que diz respeito ao universo da música produzida por mulheres.

Observa-se que o projeto *Her Music Matters* serviu de *locus* para que a questão do machismo no cenário da música ganhasse visibilidade e certo aprofundamento durante o desenvolvimento das *tasks*. Embora não seja possível mensurar com precisão os níveis de letramento crítico desenvolvidos por cada participante, podemos inferir que o projeto

desempenhou um papel significativo na formação de uma postura crítica dos estudantes em relação ao tema abordado. Nesse sentido, é importante destacar que 100% dos alunos reconheceram que o projeto ampliou suas perspectivas sobre o tratamento das mulheres na indústria musical.



Fonte: Elaboração da autora

O principal objetivo do projeto *Her Music Matters* foi sensibilizar os alunos sobre as disparidades de tratamento entre homens e mulheres na indústria musical, incentivando a conscientização e a divulgação do trabalho de mulheres no perfil de Instagram @HerMusicMatters, levando essa discussão para além da sala de aula. Durante as atividades, os alunos também foram convidados a refletir sobre os artistas que mais costumam ouvir, e muitos perceberam que predominavam artistas homens em suas escolhas. Diante disso, no formulário foi perguntado se o projeto provocou alguma alteração na seleção de artistas que os estudantes escutam. Como resposta, 47,1% indicaram que houve alguma mudança no consumo de música, 35,3% afirmaram que passaram a considerar mais as questões de gênero e *mainstream* ao escolher artistas, enquanto 17,6% disseram que o projeto não alterou suas playlists. Quando questionados se passariam a ouvir as músicas das mulheres discutidas nas atividades do projeto, 58,8% dos participantes afirmaram que sim, enquanto 11,8% disseram que não têm intenção de ouvir essas produções. Os outros 29,4% ainda estão indecisos quanto a essa mudança em seus hábitos de consumo musical.

As respostas dos estudantes ao questionário indicam que o projeto contribuiu significativamente para aumentar a conscientização sobre o tratamento das mulheres na indústria fonográfica, além de proporcionar um espaço no qual os alunos puderam conhecer artistas marginalizadas pelas grandes mídias, algo que provavelmente não ocorreria sem a participação no projeto. Observa-se também que a criticidade dos alunos não se limitou ao reconhecimento dessa questão social; ela se expandiu para além da sala de aula. Os relatos dos cursistas sugerem que suas percepções sobre a invisibilidade feminina no cenário musical foram desafiadas e, possivelmente, isso pode influenciar suas escolhas de consumo musical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentei e analisei o projeto *Her Music Matters*, desenvolvido para as turmas de Inglês 2 do CLAC-UFRJ, sob as perspectivas do ensino decolonial (Kumaravadivelu, 2016) e da interculturalidade crítica (Walsh, 2009; Ishii, 2017). As atividades propostas ao longo do projeto tiveram caráter colaborativo, processual e temático, e permitiram que os estudantes utilizassem a língua inglesa como ferramenta de reflexão crítica e engajamento com questões sociais, em particular a desigualdade de gênero na indústria musical. Os dados gerados ao longo do semestre de 2022.¹ indicam que foi possível que os cursistas se engajassem nas propostas pedagógicas e trilhassem discussões pertinentes ao universo da música enquanto utilizavam a língua inglesa. Assim, o projeto proporcionou um ambiente de aprendizado que transcende os limites da sala de aula, aproximando a prática pedagógica de um ensino significativo e transformador.

Por meio do viés decolonial e intercultural crítico, o *Her Music Matters* demonstrou como uma proposta pedagógica pode desviar das categorias de pensamento eurocêntricas, ao estimular um “imaginário “outro” e uma agência “outra” (Walsh, 2009, p.22), que valoriza vozes marginalizadas e promove a construção de outras epistemologias em espaços educativos. Ao estimular os estudantes a utilizarem a língua inglesa de forma

contextualizada e com um propósito — como ferramenta para dar visibilidade às mulheres na música e para abordar desigualdades de gênero —, o projeto ampliou o papel da língua para além da comunicação funcional, transformando-a em um instrumento de intervenção crítica e ressignificação de práticas sociais. Dessa forma, o projeto culminou em um espaço de ação que não apenas reconheceu a diversidade, mas também desafiou os alunos a repensarem suas práticas culturais e linguísticas. O *Her Music Matters* mostrou que o ensino de línguas, quando ancorado em abordagens críticas e que promovam a ação, pode ser um meio de empoderamento e de transformação social, oferecendo aos estudantes oportunidades para se posicionarem como agentes ativos em suas comunidades e no mundo.

REFERÊNCIAS:

- CASSIO, F. Apresentação: Desbarbarizar a educação. In: CASSIO, F. (Ed.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 12–19.
- CANAGARAJAH, A. S. **Resisting linguistic imperialism in English teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- GRAMSCI, A. **Selections from the prison notebooks**. Trad. Q. Hoare & G. N. Smith. New York: International Publishers, 1971.
- ISHII, R. **Interculturalidade e ensino de línguas**. Muiraquita, UFAC, v. 5, n. 1, 2017. ISSN 2525-5924.
- JANKS, H. Language, power and pedagogy. In: HORNBERGER, N.; McKAY, S. (Eds.). **Sociolinguistics and Language Education**. Clevedon: Multilingual Matters, 2010.
- KUMARAVADIVELU, B. Dangerous liaison: Globalization, empire and TESOL. In: EDGE, J. (Ed.). **(Re)locating TESOL in an age of empire**. New York: Palgrave Macmillan, 2006. p. 1–26.
- KUMARAVADIVELU, B. The decolonial option in English teaching: Can the subaltern act? **TESOL Quarterly**, Hoboken, v. 50, n. 1, 2016. p. 66-85.
- MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Introdução de **The darker side of western modernity: global futures, decolonial options** (MIGNOLO, 2011). Trad. Marco Oliveira. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt#>. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>.

PENNYCOOK, A. **English and the discourses of colonialism.** New York: Routledge, 1998.

QUIJANO, A. **Coloniality of power, ethnocentrism, and Latin America.** Nepantla, v. 1, n. 3, 2000. p. 533-580.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). **A geopolítica do inglês.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 135-159.

ROJO, R. H. R.; MOITA LOPES, L. P. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio.** Ministério da Educação, 2004. p. 14-59.

TILIO, R. O CLAC-Inglês na UFRJ: apresentação de um projeto de formação inicial de professores. In: TILIO, R.; BEATO-CANATO, A. P. (Org.). **Formação inicial de professores de línguas: experiências em um projeto de extensão universitária.** Campinas: Pontes Editores, p. 33-48, 2018

TILIO, R. Uma pedagogia de letramento sociointeracional crítico como proposta para o ensino de línguas na contemporaneidade por meio de uma abordagem temática. In: FINARDI, K.; SCHERRE, M.; VIDON, L. (Org.). **Língua, discurso e política: desafios contemporâneos.** Campinas: Pontes, p. 187-210, 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera (Org.). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SOBRE A AUTORA:

Beatriz Guerra é licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é mestrandona Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da mesma instituição. Atua como professora de Inglês na educação básica.